

USOS E ABUSOS DO CONCEITO DE GÊNERO NAS PUBLICAÇÕES RECENTES SOBRE PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Sandro Vinicius Sales dos Santos ¹, Márcia Buss-Simão ² e Joaquim Ramos ³

Resumo

Neste artigo, para analisar os modos como os estudos recentes sobre professores homens da Educação Infantil abordam o conceito de gênero, partiu-se da seguinte indagação: como esse conceito tem sido abordado em estudos sobre a presença e/ou a ausência de professores do sexo masculino nesta primeira etapa da Educação Básica? O *corpus* de análise compreende os artigos que compõem o dossiê temático "Professores Homens na Educação Infantil: dilemas, tensões, disputas e confluências", publicado no ano de 2020, pela Revista Zero-a-Seis – periódico de circulação nacional que publica textos com resultados de pesquisas da área. Por meio de análise de conteúdo, identificou-se o emprego do conceito de gênero a partir de três modos distintos: i) como marcador da diferença entre mulheres e homens, ii) na perspectiva de instrumento de análise das relações entre mulheres e homens, iii) na acepção de conceito relacional. Nessas análises, evidenciam-se vários equívocos no emprego do conceito de gênero, com destaque para a necessidade de aprimoramento conceitual nos estudos e pesquisas sobre professores homens na Educação Infantil.

Palavras-chave: Professores Homens; Conceito de Gênero; Educação Infantil.

USES AND ABUSES OF THE GENDER CONCEPT IN RECENT PUBLICATIONS ON MEN IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

Abstract

The goal of this paper is to analyze the concept of gender in recent studies of male teachers in early childhood education. The main question is how this concept has been approached in studies on presence and/or absence of male

¹Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG). Docente do Departamento de Administração Escolar (DAE) da FaE/UFMG; integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Infância e Educação Infantil (NEPEI) da FaE/UFMG. Bolsista Produtividade nível 2 do CNPq.

²Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Santa Catarina na linha de pesquisa Ensino e Formação de Educadores. Professora na Universidade Federal de Santa Catarina no Departamento de Estudos Especializados em Educação - UFSC/EED. Vice-líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância (NUPEIN/UFSC).

³Doutor em educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), como bolsista do CNPq, no Programa de Pós-graduação Conhecimento, Inclusão Social e Educação. Professor da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte e da Rede Estadual de Minas Gerais.

teachers in this first stage of Basic Education. In order to answer this question, we analyze papers from the thematic dossier Men Teachers in Early Childhood Education: dilemmas, tensions, disputes and confluences, published in 2020 by Revista Zero-a-Seis. The main result is the use of the concept of gender in three different ways: i) marker of the difference between women and men, ii) instrument for analyzing the relations between women and men, iii) sense of a relational concept. In these analyses, we highlight several mistakes in the use of the concept of gender, with emphasis on the need for conceptual improvement in studies and research on male teachers in early childhood education.

Keywords: Men Teachers; Concept of Gender; Early Childhood Education.

1. Introdução

Neste texto, analisamos os usos do conceito de gênero em investigações recentes sobre a presença e/ou ausência de professores homens em creches e pré-escolas, tomando como referência publicações atuais da área da Educação Infantil. O texto se situa na interseção da área da educação das crianças de zero a seis anos com os estudos de gênero e objetiva contribuir para o debate atual acerca do estado do conhecimento sobre professores do sexo masculino em creches e pré-escolas.

A presença e/ou ausência de professores homens na Educação Infantil é um tema de investigação que surge no campo científico nacional, sobretudo, a partir da década de 1990. Indubitavelmente, esse é um período importante para a pesquisa educacional, já que se trata de um momento no qual registra-se o aumento de investigações sobre Educação Infantil, em decorrência da expansão dos programas de pós-graduação no Brasil (ROCHA, 2007).

No campo político, este período é também caracterizado pela construção de uma doutrina jurídica da infância com sérios efeitos sobre a política de Educação Infantil. Mudanças no plano legal, passam, desde então, a conceber a criança como sujeito de direitos, dentre eles, o direito à educação pública, gratuita e de qualidade desde o nascimento (CRAIDY, 2001), além dos avanços relacionados à legislação educacional brasileira (BRASIL, 1988; 1996). A expansão da produção acadêmica, associada à revisão política e legislativa em relação à educação e aos cuidados direcionados à criança pequena constitui o terreno fértil para a emergência da pesquisa sobre professores homens na Educação Infantil.

A expansão da rede pública de creches e pré-escolas em nosso país – instituições, hoje, articuladas em torno de uma proposta pedagógica motivada pela indissociabilidade das experiências de cuidado e educação – possui ligação com o ingresso cada vez mais acentuado de mulheres/mães no mercado de trabalho (vinculando-se, desse modo, às lutas e conquistas dos movimentos feministas). Essas ações, progressivamente, colaboraram para que tais espaços públicos de vida coletiva fossem legitimados com a denominação de instituições de Educação Infantil – expressão inaugurada pela LDBEN 9.394/1996 (BRASIL, 1996).



Por meio dessas transformações nos marcos regulatórios, a educação e os cuidados destinados às crianças de até seis anos, tornaram-se, também, atribuições do Estado, não mais sendo ofertados por ele sob a figura do amparo, mas sim do dever. Desde então, a Educação Infantil, deixou de ser uma atividade social centrada exclusivamente nas famílias, nas instituições privadas ou, em última instância, nas instituições de cunho comunitário e assistencialista. Assim, as interações de diferentes atores que cotidianamente se relacionam no interior das instituições de Educação Infantil têm sido investigadas por pesquisadoras/es que, cada vez mais, desejam aprofundar o conhecimento sobre como as relações de gênero se conformam como reguladores das condutas sociais de crianças e adultos/os e cujos quadros de referência apontam para as mais distintas relações de poder (ROSEMBERG, 1996; FARIA, 2006; SILVA; LUZ, 2010).

O aumento dos estudos que investigam a questão de professores do sexo masculino nos últimos 30 anos, por um lado, apresenta avanços em relação à presença e/ou ausência de professores homens na Educação Infantil, especialmente, quando a ênfase recai sobre o binômio cuidar e educar; por outro, evidencia que ainda são escassas as pesquisas que investigam os modos como esses profissionais inserem-se na docência de creches e pré-escolas e nela, permanecem ou não. Em consulta aos anais das reuniões do Grupo de Trabalho Educação da Criança de Zero a Seis Anos (GT 07), disponíveis no site da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), no período de 2000 a 2019, encontramos apenas um trabalho (SOUZA, 2015) sobre os professores homens na Educação Infantil. De igual modo, no Grupo de Trabalho que reúne pesquisas sobre Gênero, Sexualidade e Educação (GT 23) da referida associação, também se encontra um único texto (MONTEIRO; ALTMAN, 2013). Tal escassez da questão da docência masculina em creches e pré-escolas nos anais da maior associação de pesquisa em educação do Brasil é indicativo de que o tema constitui uma lacuna na produção científica da área.

Diante desse cenário, problematizamos: *Como o conceito de gênero tem sido abordado nos estudos recentes sobre a presença/ausência de professores homens na Educação Infantil? Que acepções são atribuídas ao gênero nos estudos sobre homens em creches e pré-escolas? Quais as principais correntes teóricas sustentam a discussão sobre gênero nesses trabalhos? O que essa variedade conceitual revela para a área de estudos e pesquisas sobre educação das crianças de zero a seis anos? Deste modo, o objetivo do presente texto consiste em analisar essas e outras questões a partir de um conjunto de artigos, publicados em 2020, em um dossiê temático sobre professores homens na Educação Infantil. Consideramos ainda ser essa empreitada uma estratégia de resistência à onda conservadora que, na atualidade, dentre outros retrocessos, insiste em proibir a presença de professores homens nos cuidados e na educação de crianças de até seis anos de idade, em creches e pré-escolas, conforme enfrentamento feito pelos movimentos sociais em algumas câmaras municipais e assembleias legislativas país afora.*

O objeto de estudo do qual se ocupa o presente artigo compreende os usos e abusos do conceito de gênero presentes nos artigos que compõem o

dossiê temático *Professores Homens na Educação Infantil: dilemas, tensões, disputas e confluências*, publicado no ano de 2020 na Revista Zero-a-Seis – empreendimento teórico importante frente à necessidade de sistematização do conhecimento recente do campo educacional. Assim, consideramos urgente (e necessário) a realização de estudos que apresentem um inventário da produção acadêmica sobre a docência masculina em creches e pré-escolas, isto é, o campo da educação carece de revisão da literatura científica (CARDOSO, ALARCÃO; CELORICO, 2010) sobre professores homens na Educação Infantil, já que se trata de uma produção que, apesar de profícua ainda é escassa e dispersa. Desse modo, dossiês temáticos como esse – organizado pela Revista Perspectivas em Diálogo – quanto o apresentado pela Revista Zero-a-Seis – ao abarcarem a problemática dos limites e possibilidades de inserção de homens na docência com crianças pequenas, desde bebês, contribuem significativamente para a sistematização do campo.

2. O conceito de gênero e as investigações sobre homens na Educação Infantil

Desde seu surgimento até a atualidade, diferentes acepções de gênero coabitam o interior dos estudos feministas (CARVALHO, 2012). A partir do segundo quadrante do século XX, o conceito de gênero se tornou objeto de discussão, de fluxos e refluxos em diferentes campos do conhecimento científico, em especial, nas Ciências Humanas e Sociais (HEILBORN, 2017). No bojo das teorias sociais, a distinção entre sexo e gênero, progressivamente, pôs à prova a noção de diferença sexual e sua aplicação como princípio universal de classificação dos seres humanos.

Os estudos de gênero nascem na década de 1970, na esteira da segunda onda do feminismo, sendo inicialmente apropriados por estudiosas anglo-saxãs, cuja produção teórica contrapunha-se à explicação biológica da diferença entre mulheres e homens (SCOTT, 1995; SENKEVICS, 2020). Na visão de Heilborn,

[...] a partir da dessemelhança sexo/gênero, delineiam-se os argumentos para pensar a diferença sexual como produto da cultura e não como essência da modelação dos papéis sexuais. Nesta abordagem, indivíduos nascidos e classificados como homens e mulheres seriam socializados para agir, pensar e sentir segundo roteiros culturalmente construídos em posições vinculadas ao sexo anátomo-biológico (HEILBORN, 2017, p. 32).

Tal diferenciação permitiu a construção de um instrumento analítico e político que, cada vez mais, se configura como importante argumento na luta pelos direitos das mulheres. Assim, se o sexo remetia às características biológicas que diferenciavam homens e mulheres, o gênero se tornava um construto capaz de identificar as produções culturais em torno das características femininas e masculinas. Enquanto categoria de análise, o conceito de gênero procurou romper com a ideia do determinismo biológico sobre o comportamento social e cultural. As relações de gênero se configuram como construções socioculturais que são atravessadas por diferentes formas

discursivas, além de serem influenciados pelas realidades históricas, pelas ideologias e pelos mais diversos jogos de poder nos quais nasceram e foram interpretados (SCOTT, 1995).

Inicialmente, o vocábulo gênero (do inglês *gender*), conforme Carvalho (2012), era utilizado para distinguir as formas masculinas e femininas na linguagem e foi cientificamente apropriado como um termo contrastante com sexo, designando, desta forma, o que era social e culturalmente codificado como masculino ou feminino. Para essa autora, há, entretanto, outra definição mais recente de gênero que não se opõe a sexo, mas busca compreendê-lo dentro de uma conceituação mais ampla e abrangente, admitindo inclusive que as diferenciações entre os corpos masculinos e femininos são construtos sociais.

O gênero não seria, pois, na concepção de Carvalho (2012, p. 403), “[...] um conceito útil apenas na compreensão das interações entre homens e mulheres, mas uma parte importante dos sistemas simbólicos e como tal, implicado na rede de significados e relações de poder de todo o tecido social”. Desta forma, a categoria gênero tem sido cada vez mais utilizada como referência a toda e qualquer construção social que distingue e hierarquiza as relações – notadamente de poder – do masculino com o feminino, interseccionando-se com outras categorias (sexualidade, classe, raça/etnia, geração e os mais variados marcadores sociais da diferença).

Apesar de, em suas acepções mais elementares, o conceito ter sido desenvolvido e amplamente utilizado em contraposição a “sexo”, buscando descrever o socialmente construído, em oposição ao biologicamente dado, na atualidade, o gênero também tem sido usado como referência a qualquer construção social que promova a naturalização da distinção masculino/feminino, incluindo as que separam corpos “femininos” de corpos “masculinos” (NICHOLSON, 2000).

Para Nicholson (2000), se o corpo é concebido a partir de uma compreensão social, o sexo não pode ser compreendido independente do gênero. Apesar de o segundo sentido por ela descrito ser amplamente difundido entre as feministas, ainda é corriqueiro nas análises de gênero conceber o corpo alheio às marcas da cultura e da história. Dessa forma, o conceito de gênero tem sua essência estruturada em dois importantes matizes do pensamento ocidental moderno: o da “base material da identidade e da construção social do caráter humano” (NICHOLSON, 2000, p. 10). Nesta perspectiva, o corpo é concebido como “[...] um cabide de pé, no qual são jogados” diferentes casacos – entendidos como “artefatos da cultura” (NICHOLSON, 2000, p. 12). Compreende-se que o conceito de gênero foi produzido para suplementar o de sexo, não para substituí-lo. Mais do que isso, não só o gênero não era visto como substituto de sexo, como também sexo parecia essencial à elaboração do próprio conceito de gênero (NICHOLSON, 2000, p. 11).

Para Louro (1997), o alcance analítico do conceito de gênero permite compreender como as interações entre homens e mulheres são atravessadas por relações de poder, evidenciando como ele é originado, validado e legitimado por diversas – e muitas vezes sublimes – formas simbólicas: na linguagem, na

educação, nas artes, nos demais elementos culturais, pois, tais artefatos estão carregados de representações simbólicas de masculinidade e feminilidade que dão forma à realidade.

Em muitos casos, a justificativa para as distinções e diferenciações sociais entre mulheres e homens assentam-se em determinações biológicas que contribuem para a naturalização dessas diferenças; para a inferiorização de uns em detrimento de outros (não apenas as mulheres) e, em muitos casos, para colocar em relevo o *androcentrismo*⁴ (MORENO, 1999). O sistema de representações simbólicas irradiador dessas distinções prescreve formas de ser mulher e de ser homem, dentro dos vários contextos sociais, incluindo os espaços contemporâneos de Educação Infantil. Nessas instituições, as distinções entre os gêneros, quase imperceptíveis, abrangem situações diversas e as relações se apresentam de forma desigual.

Em poucas décadas, o conceito de gênero passou por transformações tornando-se um importante instrumento de análise científica e política que focaliza distintas dimensões: i) ao desnaturalizar as diferenças entre mulheres e homens; ii) ao analisar as relações sociais assimétricas em torno da constituição das masculinidades e das feminilidades; iii) ao denunciar as opressões vividas pelas mulheres e outros grupos que não se enquadravam em visões heteronormativas da vida social; iv) ao questionar e problematizar verdades supostamente imutáveis sobre os sexos; v) ao derrubar falaciosas fronteiras que, pautadas no essencialismo, enquadravam os sujeitos em estereótipos sexuais (IZQUIERDO, 1994; SENKEVICS, 2020).

Para Izquierdo (1994), as potencialidades analíticas e políticas do conceito de gênero são elementos que promovem sua refração, com sérios efeitos sobre a produção acadêmica da área. Na visão dessa autora, em função da polissemia do conceito de gênero, os estudos feministas, muitas vezes, incorrem no equívoco de apresentar o termo sem necessariamente tratar as conceituações a ele correspondentes (IZQUIERDO, 1994) – cujos resultados incidem, como veremos, nas análises sobre a presença masculina em creches e pré-escolas.

Assim, a separação de corpos femininos e masculinos na realização da educação e dos cuidados dos bebês e das crianças pequenas tem representado, no interior das instituições de Educação Infantil, um campo profícuo de discussão. Esse espaço, como tantos outros, se configura como um campo de disputas e se aproxima historicamente do espaço doméstico e da maternidade. Por isso, reiteramos a indagação inicial: como o conceito de gênero tem sido abordado nos estudos sobre homens na Educação Infantil?

3. Pressupostos e caminhos metodológicos

Estudos que buscam monitorar o fluxo da produção acadêmica são marcados por uma multiplicidade de nomenclaturas (estado da arte, estado do

⁴ A concepção androcêntrica de mundo subentende os modos pelos quais uma sociedade coloca o homem como sinônimo de ser humano e do “masculino” no centro dos acontecimentos (economia, ciência, tecnologia, política, dentre outros aspectos constituintes da vida social). A esse respeito ver Moreno (1999).

conhecimento, revisão de literatura, balanço da produção acadêmica, dentre outros). Apesar disso, trabalhos dessa natureza têm uma característica em comum: são estudos que produzem uma mirada crítica sobre a produção acadêmica existente; formando uma espécie de inventário do estado atual do conhecimento (CARDOSO; ALARCÃO; CELORICO, 2010). Tal criticidade se expressa na medida em que estudos do tipo estado do conhecimento permitem o estabelecimento de paralelos e de disparidades presentes na produção recente de um campo ou de determinado setor das publicações relativas à temática em análise. Esses estudos evidenciam como determinado tema vem sendo estudado no âmbito da investigação científica recente e que, no caso do presente artigo, constitui *corpus* de análise que expressa parcela significativa da produção acadêmica recente sobre professores homens na Educação Infantil⁵.

O *lócus* da pesquisa foi o ambiente virtual da Revista Zero-a-Seis – periódico brasileiro que publica, dentre outros textos, artigos inéditos de pesquisas nacionais e internacionais da Educação Infantil e de áreas afins e que tem como objetivo central contribuir com o debate interdisciplinar, no sentido de compreender mais amplamente a educação da infância brasileira na atualidade.

O *corpus* de análise compreendeu os artigos publicados na referida revista em novembro de 2020, em especial, textos que compõem o Dossiê: *Professores Homens na Educação Infantil: dilemas, tensões, disputas e confluências*. Os resultados reunidos e apresentados neste artigo decorrem de análise de conteúdo que, segundo Bardin (1979), configura-se como

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1979, p. 42).

Essa técnica transita entre os extremos da investigação científica, pois concentra o rigor metodológico característico da objetividade e a fertilidade oriunda da subjetividade, resultando na elaboração de apontamentos quantitativos e/ou qualitativos que conduzem a uma segunda leitura da comunicação, baseada na dedução e na inferência (BARDIN, 1979). Para fins deste estudo, optou-se pela análise de conteúdo categorial, devido ao seu alcance na “[...] aplicação de discursos diretos (simplificações manifestas) e simples” (BARDIN, 1979, p. 153).

Trata-se de um *corpus* tópico (BAUER; AARTS, 2013) que possui as seguintes características: i) busca identificar como o conceito de gênero tem

⁵Como dito na introdução do artigo, ainda são esparsos os trabalhos sobre docência masculina na Educação Infantil e, por isso, dossiês sobre o tema, como o que subsidia as análises que apresentaremos a seguir, publicado na Revista Zero a Seis, e também este proposto pela Revista Perspectivas em Diálogo, se mostram extremamente úteis não somente pela divulgação do conhecimento sobre professores homens atuando em creches e pré-escolas, mas como mecanismos de sistematização da produção acadêmica.

sido abordado nos estudos sobre homens na Educação Infantil; ii) obedece ao princípio da homogeneidade, já que é constituído por artigos publicados segundo as regras do periódico em questão e que versam sobre o tema que é objeto desta investigação; e iii) possuem sincronicidade, pois encontram-se dentro de um recorte temporal definido segundo critérios relacionados às regras de submissão do dossiê, publicado em 2020, na referida revista.

A análise da produção acadêmica que apresentamos é precedida por outros estudos de mesma natureza, embora com focos distintos. Desse modo, dialogamos com outras revisões de literatura que ora objetivaram compreender a constituição da área da Educação Infantil (ROCHA, 1999), ora buscaram mapear as pesquisas sobre infância e Educação Infantil na ANPEd (ROCHA, 2007; MARTINS FILHO, 2010), ora procuraram identificar como a temática das relações de gênero em creches e pré-escolas é apresentada em periódicos de orientação feminista (PRETTO; LAGO, 2013), ora investigaram a incidência da discussão sobre gênero na Educação Infantil no âmbito da produção de teses e dissertações do campo educacional (SANTOS, 2020) e ora objetivaram mapear a produção científica sobre a temática em contextos internacionais (MORROW, 2006).

Em momentos como os que vive a educação pública de nosso país, marcado pelo avanço do conservadorismo que insiste em sustentar binarismos nas experiências sociais de adultos e crianças, suprimindo da agenda de formação da Educação Básica termos como gênero e educação sexual, levantamentos da produção acadêmica como esses evidenciam a importância de garantir o direito das crianças de conviver, desde a mais tenra idade, com diferentes sujeitos nas ações de cuidado e educação, inclusive, com diferentes profissionais de Educação Infantil.

4. O conceito de gênero, seus usos (e abusos) nas investigações sobre homens na Educação Infantil

O Dossiê: *Professores Homens na Educação Infantil: dilemas, tensões, disputas e confluências* é parte integrante da edição número 42 da Revista Zero-a-Seis – principal periódico nacional de divulgação científica de estudos e pesquisas sobre Educação Infantil. A revista é uma publicação semestral do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância, do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (NUPEIN/CED/UFSC). Conforme informações constantes no sítio eletrônico⁶ da revista, ela publica em seu conteúdo: artigos inéditos; artigos traduzidos relacionados à área; resenhas de livros e entrevistas com pesquisadores e professores da área da Educação Infantil e de áreas que buscam contribuir com o diálogo disciplinar a fim de compreender mais amplamente a infância e as relações educativas.

Os/as organizadores/as do dossiê, realizaram chamada pública para a submissão de artigos de maio a julho de 2020 e com a publicação em novembro do mesmo ano, reunindo artigos que, segundo consta no ambiente virtual da

⁶ Informações disponíveis em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/about>



revista, analisaram “para além das relações de gênero na Educação Infantil, como as interfaces entre masculinidades, educação e cuidado contribuem para a produção de novas subjetividades”. O dossiê conseguiu reunir 17 artigos – quantitativo que revela processos de ampliação, complexificação e difusão da temática: docência masculina na Educação Infantil. Na apresentação do dossiê, dois dos organizadores afirmam que o conjunto dos textos se configura como

[...] resposta à onda conservadora que, ao tentar cercear os tempos e espaços de atuação de professores do sexo masculino, impõe visões de mundo sexistas, misóginas, retrógradas e reacionárias que incidem diretamente sobre a qualidade da oferta de experiências de educação e de cuidados, destinadas às meninas e aos meninos de até seis anos de idade em creches e pré-escolas (SANTOS; RAMOS, 2020, p. 316).

Ao longo do Dossiê, verificamos que o termo “gênero” apareceu 717 vezes, enquanto “gêneros” apresentou 22 ocorrências. O artigo com maior frequência de uso da expressão “gênero” é de autoria de Santos, Soares e Braga (96 ocorrências), enquanto o texto de Janei e Machado apresenta uma única menção ao termo gênero. Já o termo “gêneros” figura com maior frequência no texto de Jéssica Daniele Fávaro e Célia Regina Rossi (6 ocorrências), conforme o quadro a seguir:

Quadro 1: Contagem de ocorrências do termo gênero

Título do artigo	Autores	Ocorrências
O homem-professor na Educação Infantil e a produção da profissionalidade	Alexandre Toaldo Bello Jaime Eduardo Zanette Jane Felipe	Gênero = 40 Gêneros = 2
Professores homens no nível inicial	Daniel Martín Brailovsky	Gênero = 17
Homens e crianças: corpos e sexualidades no meio aquático	Wagner Xavier Camargo	Gênero = 53 Gêneros = 1
Experiências de pesquisa de um corpo masculino adulto numa instituição de Educação Infantil	Tulio Campos Maria Cristina Soares Gouvêa José Alfredo Oliveira Debortoli	Gênero = 25
Profissionalidade e gênero: participação dos homens e pequena infância	Jan Peeters Ângela Scalabrin Coutinho (tradução)	Gênero = 57 Gêneros = 1
“Vai ser um professor?!”: estranhamentos perante a figura do professor do sexo masculino na Educação Infantil	Jéssica Daniele Fávaro Célia Regina Rossi	Gênero = 35 Gêneros = 6
“Eu acho estranho!” Compreensões da presença de profissionais homens em contextos interculturais da Educação Infantil	Lenira Haddad Claudia Denise Sacur Marques Luciano Henrique da Silva Amorim	Gênero = 37 Gêneros = 1
“Doces bárbaros”: por uma nova sensibilidade dos professores homens na Educação Infantil	Vitor Janei Silvio Ricardo Munari Machado	Gênero = 1
A presença masculina de professores de Educação Física na Educação Infantil: da inserção à gestão escolar	Rodrigo Lema Del Rio Martins Fernando Torres Otero de Souza André Da Silva Mello	Gênero = 41 Gêneros = 4
“Enfrentei muitas tempestades como professor de Educação Infantil”: um debate sobre identidade docente e homossexualidade masculina	Vinicius Expedito Mena de Oliveira Daniela Finco	Gênero = 46

Um diálogo entre o macro e o micro: o que os números revelam sobre a docência masculina na Educação Infantil e o contexto carioca	Alexandra Coelho Pena Rodrigo Ruan Merat Moreno	Gênero = 15 Gêneros = 1
Professores homens da Educação Infantil: narrativas e (des)encontros entre corpos, brincadeiras e cuidados	Patrícia Dias Prado Viviane Soares Anselmo Isabela Signorelli Fernandes	Gênero = 33 Gêneros = 2
Professores homens na Educação Inicial: um estudo de caso em uma instituição de Educação Infantil colombiana	Joaquim Ramos Maria de Fátima Cardoso Gomes Alexander Ruiz Silva	Gênero = 39
Percepções das crianças sobre as relações de gênero a partir das interações vividas entre pares e na companhia de uma professora e um professor na Educação Infantil	Sandro Vinicius Sales dos Santos Alexandre Gomes Soares Denise da Silva Braga	Gênero = 92 Gêneros = 2
Homens na Educação Infantil: propostas educativas açucaradas? Questões de gênero na educação da pequena infância	Peterson Rigato da Silva Mariana Kubilius Monteiro Ana Lúcia Goulart de Faria Helena Altmann	Gênero = 41
Profissionais de Educação Infantil na Suécia: limites e possibilidades de compartilhamento de tarefas entre homens e mulheres	Ricardo Gonçalves de Sousa Weslei Lopes da Silva	Gênero = 76 Gêneros = 3
O professor homem na Educação Infantil: o que pensam pais, mães e educadoras?	Dalila Castelliano de Vasconcelos Lucivanda Cavalcante Borges Nádia Maria Ribeiro	Gênero = 59
TOTAL		Gênero = 717 Gêneros = 22

Fonte: arquivos da pesquisa

A baixa frequência desses termos, em alguns artigos, sugere uma dissociação de termos subjacentes às análises, como homens e masculinidades, do conceito de gênero (ou dos gêneros), indicando uma possível autonomia conceitual dessas categorias. Consideramos problemática essa dissociação na medida em que uma das especificidades do conceito de gênero, conforme Scott (1995), é seu caráter relacional. Essa autora afirma que toda informação sobre as mulheres é, em certa medida, informação também sobre os homens e vice-versa. Assim, compreendemos que o lugar que os homens ocupam no contexto da Educação Infantil é também significado pelas mulheres. Conforme Medrado e Lyra (2008) não se pode desconsiderar que os estudos sobre homens e masculinidades – que, apesar de esparsos, tornam-se profícuos a partir dos anos de 1990 – são uma decorrência direta dos estudos sobre mulheres, e posteriormente, dos estudos sobre gênero. Assim, ponderamos ser urgente e necessário reconhecer a matriz feminina dos estudos sobre homens e masculinidades (MEDRADO; LYRA, 2008).

Não menos importante, é preciso considerar também que os *lugares*, os *não lugares* e os *entrelugares* destinados aos professores homens que atuam em creches e pré-escolas não passam incólumes ao olhar das crianças (SANTOS, 2021). Elas, de modo ativo, atuam na tessitura de uma rede de sentidos e significados construídos coletivamente no cotidiano da Educação Infantil sobre a docência masculina, embora ainda sejam poucos os estudos que as tomam como referentes empíricos (ROCHA, 2007; MARTINS FILHO, 2010).

Dos 17 artigos publicados no Dossiê, dez textos apresentam arcabouço teórico-conceitual inscritos nas tradições de pesquisas oriundas dos estudos feministas de orientação pós-estruturalistas; seis trabalhos ancoram-se conceitualmente nas discussões de gênero realizadas no âmbito das Pedagogias da Infância e da Educação Infantil e apenas um estudo fundamenta-se nas teorias das representações sociais, conforme o gráfico 1:

Gráfico 1: Filiações teóricas dos artigos

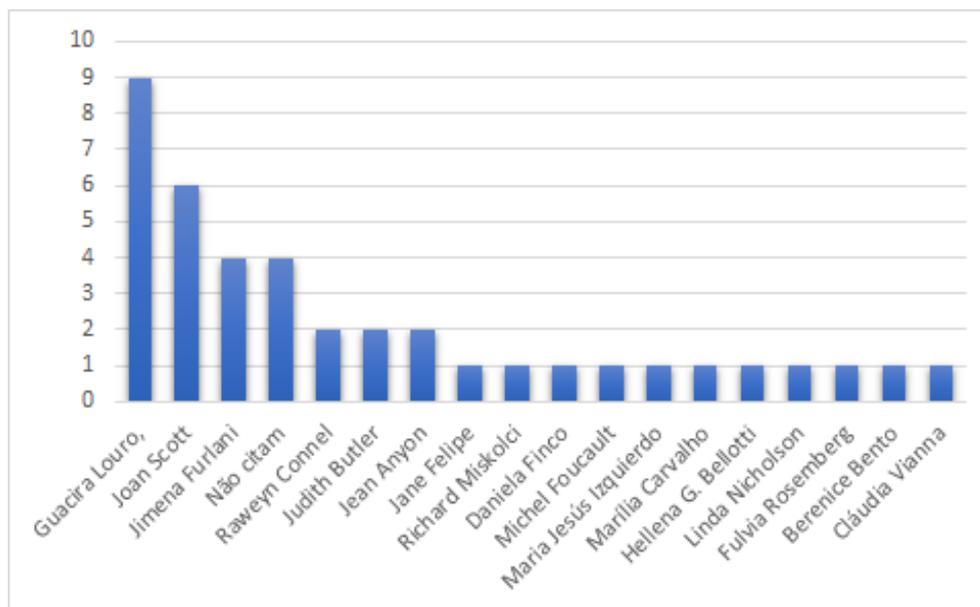


Fonte: arquivos da pesquisa

Essa variedade temática sugere a construção de um campo interdisciplinar de estudos e pesquisas sobre a presença masculina na Educação Infantil, apesar da predominância das orientações teóricas provenientes dos estudos feministas de orientação pós-estruturalistas. Heilborn (2017) considera que tanto na vertente anglo-saxã quanto na adoção das vertentes pós-estruturalistas de origem francesa, o ponto de partida para a teorização sobre as diferenciações e assimetrias entre homens e mulheres é a obra seminal de Simone de Beauvoir – O Segundo Sexo – na qual a autora, de modo incisivo, desconstrói a naturalização das diferenças entre os sexos ao afirmar: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”.

Dentre as/os principais autoras/es que fundamentam os usos do conceito de gênero nas análises do material empírico, verificamos uma tendência de fundamentação em autoras/es nacionais (20 ocorrências), enquanto os/as de circulação internacional totalizam 16 ocorrências, conforme é possível observar no quadro a seguir:

Gráfico 2: Frequência das principais referências teóricas sobre gênero



Fonte: arquivos da pesquisa.

O Gráfico 2 sugere que a pesquisa sobre professores homens na Educação Infantil tem se orientado pelas conceituações de gênero produzidas no Brasil, ainda que seja visível a presença de referências internacionais. No âmbito das/os autoras/es nacionais referenciadas/os nos artigos que compõem o dossiê, há um predomínio de citações de Guacira Lopes Louro, citada em nove dos 17 artigos e de Jimena Furlani, que foi referenciada em seis artigos. Nesse escopo teórico, é importante destacar também autoras feministas que desde a década de 1990 têm se dedicado a investigar as questões de gênero (o que compreende a docência masculina, mas não se restringe a ela) no contexto da Educação Infantil, com especial destaque para Fulvia Rosemberg, Marília Pinto de Carvalho, Jane Felipe, Claudia Vianna e Daniela Finco.

Em quatro artigos não identificamos as definições teóricas do conceito de gênero. Esses textos totalizam 82 ocorrências do conceito de gênero sem, contudo, apresentar uma conceituação clara e objetiva. Ou seja, em alguns textos o termo "gênero/gêneros" é apresentado, mas não necessariamente conceituado (IZQUIERDO, 1994), conforme os trechos a seguir:

Segundo o Censo Escolar de 2017, 96,6% dos docentes da Educação Infantil de todo o país são do **gênero feminino** (INEP, 2018) (MARTINS, SOUZA, MELLO 2020, p. 456, grifos nossos).

Tal problemática tem um longo desenvolvimento se tomarmos, por exemplo, que há quase 20 anos se problematiza a presença de **profissionais do gênero masculino** em berçários ou creches (CAMARGO, 2020, p. 685, grifos nossos).

Pesquisas revelam que a presença dos professores homens na Educação Infantil provoca estranhamentos por parte da gestão e

das famílias e leva a uma reflexão sobre as concepções que, historicamente, contribuíram para a construção da identidade do profissional para atuar com as crianças pequenas, associada ao cuidado e ao afeto, características consideradas inerentes ao **gênero feminino** (PENNA; MORENO, 2020, p. 448, grifos nossos).

Parece-nos que, no âmbito dos artigos analisados, o conceito de gênero é universalmente conhecido e, portanto, não carece de ser explicitado - o que pode acarretar equívocos conceituais. Contudo, esclarece Izquierdo (1994, p. 36-37), que “[...] la distinción entre sexo y género tiene como objetivo diferenciar conceptualmente las características sexuales, limitaciones y capacidades que las mismas implican, y las características sociales, psíquicas, históricas de les persones”. Isso torna necessário, nos estudos sobre professores homens, a diferenciação entre sexo e gênero.

Em artigo no qual analisam alguns usos equivocados do termo gênero no contexto da educação brasileira, Carvalho e Rabay (2015) consideram que foi a partir da década de 1990 que a problemática de gênero ganhou notoriedade no campo da produção científica e no contexto político educacional brasileiro. No entanto, esclarecem as autoras, a educação em nosso país ainda não incorporou

[...] ampla e rigorosamente, o conceito de gênero originalmente veiculado pela teorização feminista: gênero como construção social e cultural, estrutura e relação de desigualdade, marcador de identidade dominante/dominada, subjetividade. Gênero não se transversalizou nos currículos dos cursos de graduação e pós-graduação da área de educação, nem tampouco nos currículos dos demais cursos superiores (CARVALHO; RABAY, 2015, p. 121-122).

Ou seja, compreender gênero como sinônimo de sexo ou o reduzi-lo a sexo, elimina a distinção fundamental feita pela teorização feminista. Ao confundir sexo e gênero, o campo da educação, seja pelo viés político, seja no âmbito da academia, populariza indevidamente o uso do termo. Esse uso equivocado do conceito de gênero “[...] inverte a subordinação feminina (que permanece em meio à iniquidade gênero) em vantagem quantitativa das mulheres nas instituições de educação superior e básica” (CARVALHO; RABAY, 2015, p. 132).

No caso do dossiê: *Professores Homens na Educação Infantil*, o uso em alguns artigos, de gênero como análogo a sexo invisibiliza os modos assimétricos por meio dos quais homens e mulheres significam as práticas de cuidados e educação de bebês e crianças de até seis anos de idade em espaços coletivos.

Por outro lado, a polissemia do conceito de gênero possibilitou-nos a compreensão de diferentes acepções teóricas (CARVALHO, 2012) desse termo no âmbito dos artigos que compõem o referido dossiê. Dentre elas, verificamos um conjunto de textos que toma o conceito de gênero como marcador da diferença entre homens e mulheres, conforme verificamos nos trechos a seguir:

As **diferenciações entre gêneros** são construções sociais a que estamos sujeitos ao longo de nossas vidas, desde antes de nosso nascimento (FÁVARO; ROSSI, 2020, p. 530, grifos nossos).

Entender as relações sociais da docência **atadas às diferenciações entre o masculino e o feminino**, pela perspectiva das relações de gênero, nos levam à compreensão de significados produzidos no campo simbólico acerca de homens e mulheres (OLIVEIRA; FINCO, 2020, p. 583, grifos nossos).

Nesse conjunto de artigos, o conceito de gênero é mobilizado com vistas a fomentar um debate político-acadêmico sobre como as diferenças entre homens e mulheres são naturalizadas a partir de aspectos sexuais e biológicos e não são compreendidas como construções sociais (HEILBORN, 2017). Assim, compreende-se que o conjunto desses artigos aponta os limites e as possibilidades de trabalho com as práticas de cuidado e educação destinadas às crianças pequenas, em especial aos bebês, precisam ser compreendidas não com base nas diferenças sexuais entre homens e mulheres, mas no campo das relações sociais, que podem ser construídas, desconstruídas e reconstruídas no cotidiano da Educação Infantil.

Outro grupo de artigos compreende o termo gênero como instrumento de análise das relações entre mulheres e homens, como verifica-se no seguinte trecho:

Gênero compreende uma categoria de análise histórica que nos **permite perceber as relações sociais** que estabelecem saberes para a diferença sexual, isto é, saberes que dão significados às diferenças corporais e que implicam numa organização social a partir delas” (OLIVEIRA; FINCO, 2020, p. 583, grifos nossos).

Refletir sobre as imposições e expectativas impostas aos homens e às mulheres na docência da Educação Infantil é, primeiramente, definir **gênero como elemento constitutivo de relações sociais** de poder, a partir das diferenças entre eles/as (PRADO; ANSELMO; FERNANDES, 2020, p. 606, grifos nossos).

[...] pois **sendo o gênero um conceito relacional**, sentimos necessidade de indagar das professoras como elas percebem o trabalho realizado pelos homens (RAMOS; GOMES; SILVA, 2020, p. 384, grifos nossos).

Nesse conjunto de artigos, o gênero funciona como construto teórico capaz de evidenciar as disparidades presentes nas relações entre homens e mulheres. Assim, como afirma Barbieri (1993, p. 149), os estudos de gênero, enquanto campo de produção de conhecimentos *com, sobre e para* as diferenças sexuais, não avançará “[...] solo estudiando a lãs mujeres, el objeto es más amplio. Requiere de analizar en todos lo niveles, ámbitos y tiempos las relaciones mujer-varón, mujer-mujer, varón-varón”. Desse modo, os estudos reunidos nessa categoria (e que visam analisar as relações entre homens e mulheres no contexto da docência na Educação Infantil), não tomam a presença/ausência de

professores do sexo masculino como fenômeno isolado, pelo contrário, evidenciam que a partir de pressupostos teóricos de orientação feminista, é possível e desejável compreender o cerne das relações entre homens e mulheres nas suas mais diversificadas formas de organização cotidiana. Ademais, permite compreender como as crianças interagem e se relacionam não somente com as relações pedagógicas, mas também como elas se inserem nas relações de poder entre homens e mulheres; meninos e meninas (FARIA, 2006); e outras formas não binárias.

Um último grupo de textos toma o gênero como categoria teórica a partir da dimensão relacional do conceito, considerando que as análises devem atentar para interseccionalidade das categorias identitárias, como classe, raça/etnia, religião, dentre outras, conforme os trechos a seguir:

Um dos conceitos sobre gênero é que esta é uma categoria útil de análise histórica **articulada às categorias de classe e raça**, submersa nas instituições sociais que surge no contexto de construção social e histórica dos sexos (SCOTT, 1995)" (HADDAD; MARQUES; AMORIM, 2020, p. 412, grifos nossos).

Tendo em vista que se trata de uma construção social, o gênero está fortemente sujeito a mudanças: **as diferenças entre homens e mulheres variam em função do lugar, da cultura, da etnia e da classe** (PEETERS; COUTINHO, 2020, p. 331, grifos nossos).

Desta forma, a categoria gênero tem sido cada vez mais usada para referir-se a toda construção social que se relaciona à distinção e hierarquia entre o masculino e o feminino e **se articula com outras categorias (sexualidade, classe, raça/etnia, geração e outros marcadores sociais da diferença)** (SANTOS; SOARES; BRAGA, 2020, p. 637, grifos nossos).

Tais artigos, ao ressaltarem as interseccionalidades do gênero com outros marcadores identitários, evidenciam que não existe "a masculinidade", como sugerem as versões hegemônicas desse conceito (CONNELL, 1995), mas masculinidades cada vez mais plurais e diversas, principalmente quando se trata de professores homens atuando nos cuidados e educação de crianças pequenas, desde bebês.

Cabe ainda ressaltar que, se por um lado, alguns artigos apresentam definições coerentes do conceito de gênero; por outro, diferentes subcategorias dos estudos feministas e que são decorrentes das análises de gênero, também se fazem presentes nos textos sem o devido tratamento conceitual. Esse é o caso de expressões como: heteronormatividade, sexismo, feminização/feminilização, patriarcado/patriarcal, dentre outros. Ademais, a ausência de revisão do conceito de gênero e das subcategorias a ele correspondentes, promovem análises confusas, conflituosas e com pouco alcance – o que inviabiliza a discussão sobre a construção de sentidos relativos a presença/ausência de homens na Educação Infantil.

5. Considerações finais

O propósito deste texto foi o de evidenciar, dentre outras questões, a ausência de estudos que promovam a revisão da literatura científica sobre docência masculina na Educação Infantil. Consideramos urgente o investimento em estudos que apresentem o Estado da Arte da pesquisa sobre Homens, masculinidades e cuidados infantis em creches e pré-escolas. Diante da ausência de investigações deste porte, dossiês temáticos que abarcam a problemática dos limites e possibilidades de inserção de homens na docência com crianças pequenas, desde bebês, tal como este publicado pela Revista Perspectivas em Diálogo, quanto aquele publicado, em 2020, pela Revista Zero-a-Seis, contribuem sobremaneira para a sistematização do conhecimento acerca da presença e/ou ausência de homens nas práticas de cuidado e educação em espaços coletivos.

Assim, as análises dos artigos publicados no dossiê: *Professores Homens na Educação Infantil: dilemas, tensões, disputas e confluências* possibilitaram verificar os usos e abusos do conceito de gênero nas investigações sobre professores homens na docência com crianças, desde bebês. Consideramos que a ausência de definição do termo gênero nas investigações da área, associada à falta de sustentação conceitual das subcategorias decorrentes das análises que tomam o gênero como lente teórica nos estudos sobre professores homens nas ações de cuidado e educação são fatores que podem atravancar o avanço da produção acadêmica, na medida em que acarretam equívocos conceituais de diferentes ordens com fortes efeitos sobre as análises.

Isso ocasiona imprecisões conceituais não somente do conceito de gênero, mas de igual modo, promove a adoção de categorias subjacentes às análises feministas que, em função da ausência de sustentação teórica, são equivocadamente empregadas nas investigações sobre a docência masculina na Educação Infantil e, desse modo, não abrangem a complexidade em torno da presença e/ou ausência desses sujeitos no contexto das práticas de cuidado e educação destinadas às crianças pequenas, desde bebês.

Por fim, consideramos necessária maior articulação da área da Educação Infantil com o campo dos estudos de gênero, na perspectiva de refinamento das análises da presença e/ou ausência de professores homens nos cuidados e na educação de meninas e meninos. De igual modo, é premente a necessidade de investimento em pesquisas que permitam a compreensão do 'estado da arte' sobre homens na educação infantil, com vistas não só a mapear a produção recente sobre o tema, mas para evidenciar os alcances e limites dessa produção, estabelecendo e apontando formas de contribuir para a formação das novas gerações, com vistas a não permitir que as diferenças, sejam elas de qualquer ordem, convertam-se em desigualdades.

REFERÊNCIAS

BARBIERI, Teresita de. Sobre la categoría género: una introducción teórico-metodológica. **Debates en sociología**, n. 18, p. 145-169, 1993. Disponível em:



<https://revistas.pucp.edu.pe/index.php/debatesensociologia/article/view/668> Acesso em: 10 nov. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. São Paulo: Vozes, 2013, p. 39-63.

BELLO, Alexandre Toaldo; ZANETTE, Jaime Eduardo; FELIPE, Jane. O homem-professor na Educação Infantil e a produção da profissionalidade. **Revista Zero-a-Seis**. Vol. 22, n. 42 (jul./dez. 2020), p. 558-579, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22n42p558> Acesso em: 04 set. 2021.

BRAILOVSKY, Daniel Martín. Los muy señoritos: maestros varones en el nivel inicial. **Revista Zero-a-Seis**, v. 22, n. 42, p. 367-381, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22n42p367> Acesso em: 04 set. 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.

CAMARGO, Wagner Xavier. Homens e crianças: corpos e sexualidades no meio aquático. **Revista Zero-a-Seis**, v. 22, n. 42, p. 684-709, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22n42p684> Acesso em: 04 set. 2021.

CAMPOS, Tulio; GOUVÊA, Maria Cristina Soares; DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. Experiências de pesquisa de um corpo masculino adulto numa instituição de Educação Infantil. **Revista Zero-a-Seis**, v. 22, n. 42, p. 656-683, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22n42p656> Acesso em: 04 set. 2021.

CARDOSO, Teresa; ALARCÃO, Isabel; CELORICO, Jacinto Antunes. **Revisão da literatura e sistematização do conhecimento**. Porto: Porto Editora, 2010.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de.; RABAY, Glória. Usos e incompreensões do conceito de gênero no discurso educacional no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, v. 23, n. 1, p. 119-136, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-026X2015v23n1p119> Acesso em: 08 jul. 2021.

CARVALHO, Marília Pinto de. O conceito de gênero no dia a dia da sala de aula. **Revista de Educação Pública**. Cuiabá, v. 21 n. 46, 2012, pp. 401-412. Disponível em: <https://doi.org/10.29286/rep.v21n46.416> Acesso em: 12 jul. 2021.

CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**. Vol. 20 (2), p. 185-206, jul/dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71725>. Acesso em: 08 jul. 2021.

CRAIDY, Carmen Maria. Educação Infantil e as novas definições da legislação. In: CRAIDY, Carmen Maria; KAERCHER, Gládis E. (orgs.). **Educação Infantil pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 23-26.



FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Pequena infância, educação e gênero: subsídios para um estado da arte. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 26, 2006, pp. 279-288. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332006000100012> Acesso em: 04 jul. 2021.

FÁVARO, Jéssica Daniele; ROSSI, Célia Regina. "Vai ser um professor?!": estranhamentos perante a figura do professor do sexo masculino na Educação Infantil. **Revista Zero-a-Seis**, v. 22, n. 42, p. 529-557, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22n42p529> Acesso em: 04 set. 2021.

HADDAD, Lenira; MARQUES, Claudia Denise Sacur; DA SILVA AMORIM, Luciano Henrique. "Eu acho estranho!" Compreensões da presença de profissionais homens em contextos interculturais da Educação Infantil. **Revista Zero-a-Seis**, v. 22, n. 42, p. 409-436, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22n42p409> Acesso em: 04 set. 2021.

HEILBORN, Maria Luiza. Usos e desusos do conceito de gênero. **Cult**, n. 219, p. 36-39, 2017.

IZQUIERDO, Maria Jesus. Uso y abuso del concepto de género. In: VILANOVA, M. (org.) **Pensar las diferencias**. Barcelona: Universitat de Barcelona, 1994, pp.31-53.

JANEI, Vitor; MACHADO, Silvio Ricardo Munari. "Doces bárbaros": por uma nova sensibilidade dos professores homens na Educação Infantil. **Revista Zero-a-Seis**, v. 22, n. 42, p. 710-725, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22n42p710> Acesso em: 04 set. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 8ª ed. – Petrópolis: Vozes, 1997. 159p.

MARTINS FILHO, Altino José. Jeitos de ser criança: balanço de uma década de pesquisas com crianças apresentadas na ANPEd. **33ª Reunião Anual da Anped**. 2010, Caxambu. Disponível em: www.anped.org.br Acesso em: 15 ago. 2021.

MARTINS, Rodrigo Lema Del Rio; SOUZA, Fernando Torres Otero de; MELLO, André da Silva. A presença masculina de professores de Educação Física na Educação Infantil: da inserção à gestão escolar. **Revista Zero-a-Seis**, v. 22, n. 42, p. 453-479, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22n42p453> Acesso em: 04 set. 2021.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, p. 809-840, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000300005> Acesso em: 19 jul. 2021.

MONTEIRO, Mariana Kubilius; ALTMANN, Helena. Trajetórias na docência: professores homens na educação infantil. **36ª Reunião Nacional da ANPEd**. GT 23. Goiânia-GO, 2013. Disponível em: www.anped.org.br Acesso em: 15 ago. 2021.

MORENO, MONTSERRAT. **Como se ensina a ser menina**: o sexismo na escola. São Paulo: Moderna, 1999. 80 p.



MORROW, Virginia. Understanding Gender Differences in Context: Implications for Young Children's Everyday Lives. **Children & Society**. Vol. 20, 2006, pp. 92-104. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1099-0860.2006.00017.x> Acesso em: 23 jul. 2021.

NILCHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Estudos Feministas**, vol. 8, nº 2, 2000. P. 9- 42. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/%25x> Acesso em: 05 jul. 2021.

OLIVEIRA, Vinicius Expedito Mena de; FINCO, Daniela. "Enfrentei muitas tempestades como professor de Educação Infantil": um debate sobre identidade docente e homossexualidade masculina. **Revista Zero-a-Seis**, v. 22, n. 42, p. 580-604, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22n42p580> Acesso em: 04 set. 2021.

PEETERS, Jan. Profissionalidade E Gênero: Participação dos Homens E Pequena Infância. **Revista Zero-a-Seis**, v. 22, n. 42, p. 322-340, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22n42p322> Acesso em: 04 set. 2021.

PENA, Alexandra Coelho; MORENO, Rodrigo Ruan Merat. Um diálogo entre o macro e o micro: o que os números revelam sobre a docência masculina na Educação Infantil e o contexto carioca. **Revista Zero-a-Seis**, v. 22, n. 42, p. 437-452, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22n42p437> Acesso em: 04 set. 2021.

PRADO, Patrícia Dias; ANSELMO, Viviane Soares; FERNANDES, Isabela Signorelli. Professores homens da Educação Infantil: narrativas e (des) encontros entre corpos, brincadeiras e cuidados. **Revista Zero-a-Seis**, v. 22, n. 42, p. 605-631, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22n42p605> Acesso em: 04 set. 2021.

PRETTO Zuleica; LAGO, Mara C. S. Reflexões sobre a infância e gênero a partir de publicações em revistas feministas brasileiras. **Revista Ártemis**. n. 15, vol.1, 2013, pp. 56-71. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/16638> Acesso em: 23 jul. 2021.

RAMOS, Joaquim; GOMES, Maria de Fátima Cardoso; SILVA, Alexander Ruiz. Professores homens na Educação Inicial: um estudo de caso em uma instituição de Educação Infantil colombiana. **Revista Zero-a-Seis**, v. 22, n. 42, p. 382-408, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22n42p382> Acesso em: 04 set. 2021.

ROCHA, Eloisa Arcires Candal. 30 anos da Educação Infantil na Anped: Caminhos da Pesquisa. **30ª. Reunião Anual da Anped**. Trabalho encomendado. Gt 07, Caxambu-MG, 2007. Disponível em: www.anped.org.br Acesso em: 15 ago. 2021.

ROCHA, Eloisa Arcires Candal. **A Pesquisa em Educação Infantil no Brasil**: trajetória recente e perspectivas de consolidação de uma pedagogia. Tese, Doutorado em Educação, UNICAMP, 1999.

ROSEMBERG, Fúlvia. Teorias de gênero e subordinação de idade: um ensaio. **Proposições**. Vol. 7, n.º 3 (21), novembro de 1996, pp. 17-23. Disponível em:



Perspectivas em Diálogo, Naviraí, v. 09, n. 20, p. 53-73, maio/ago. 2022.

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644211>
Acesso em: 15 jul. 2021.

SANTOS, Sandro Vinicius Sales dos. Interfaces de gênero, infância e Educação Infantil na Pós-graduação em Educação brasileira (1996 a 2015). **Perspectiva**, v. 38, n. 1, p. 1-22, 2020. Disponível em: <http://doi.org/10.5007/2175-795X.2020.e61812> Acesso em: 26 jul. 2021.

SANTOS, Sandro Vinicius Sales dos; RAMOS, Joaquim. Todas as diferenças cabem no mundo, inclusive, professores homens na educação infantil. **Zero-a-Seis**, v. 22, n. 42, p. 313-321, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22n42p313> Acesso em: 04 set. 2021.

SANTOS, Sandro Vinicius Sales dos; SOARES, Alexandre Gomes; BRAGA, Denise da Silva. Percepções das crianças sobre as relações de gênero a partir das interações vividas entre pares e na companhia de uma professora e um professor na Educação Infantil. **Revista Zero-a-Seis**, v. 22, n. 42, p. 632-655, 2020. Disponível em: < <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22n42p632> Acesso em: 04 set. 2021.

SANTOS, Sandro Vinicius Sales dos. Homens na docência da educação infantil: uma análise baseada na perspectiva das crianças. **Revista Brasileira de Educação** [online]. 2021, v. 26, Acessado 25 Abril 2022, e260077. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782021260077> Acesso em: 12 jan. 2022.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, vol. 20, (2), jul/dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoe realidade/article/view/71721> Acesso em: 23 jul. 2021.

SENKEVICS, Adriano de Sousa. É possível fazer uma análise de gênero a partir de dados quantitativos? In: VIANNA, Cláudia; CARVALHO, Marília Pinto de. **Gênero e educação: 20 anos construindo o conhecimento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 45-56.

SILVA, Isabel de Oliveira e; LUZ, Iza Rodrigues da. Meninos na educação infantil: o olhar das educadoras sobre a diversidade de gênero. **Cadernos Pagu**. 2010, n.34, pp. 17-39. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332010000100003> Acesso em: 14 jul. 2021.

SILVA, Peterson Rigato da; et al. Homens na Educação Infantil: propostas educativas açucaradas? Questões de gênero na educação da pequena infância. **Revista Zero-a-Seis**, v. 22, n. 42, p. 507-528, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22n42p507> Acesso em: 04 set. 2021.

SOUZA, José Edilmar de. Homem docência com crianças pequenas: um olhar das crianças de um centro de educação infantil. **37ª Reunião Nacional da ANPED**, 37, 2015, Florianópolis. Anais. Florianópolis: UFSC, 2015. p. 1-17. Disponível em: www.anped.org.br Acesso em: 15 ago. 2021.

SOUZA, Ricardo Gonçalves de; SILVA, Wesley Lopes da. Profissionais de Educação Infantil na Suécia: limites e possibilidades de compartilhamento de tarefas entre homens e mulheres. **Revista Zero-a-Seis**, v. 22, n. 42, pág. 341-366, 2020.



Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22n42p341> Acesso em: 04 set. 2021.

VASCONCELOS, Dalila Castelliano de; BORGES, Lucivanda Cavalcante; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro. O professor homem na Educação Infantil: o que pensam pais, mães e educadoras?. **Revista Zero-a-Seis**, v. 22, n. 42, p. 480-506, 2020.

Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22n42p480> Acesso em: 04 set. 2021.

Recebido em: 28 de dezembro de 2021.

Aceito em: 12 de maio de 2022.

Publicado em: 27 de maio de 2022.